

O HOMEM PRÉ-HISTÓRICO INSERIDO NO CONTEXTO DO OESTE PAULISTA: O CASO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGOA SÃO PAULO – 02*

Jean Ítalo de Araújo CABRERA

Doutor pela Faculdade de Ciências e Tecnologia FCT/UNESP – Presidente Prudente - SP
jeancabrera80@gmail.com

Resumo

Desde os mais remotos tempos da história do mundo é sabido que o Homem sempre teve a necessidade da ocupação e construção de seu espaço social. Temos estudos científicos nas áreas da Geografia, da História e da Arqueologia que comprovam que, de diversas maneiras, o Homem sempre esteve disposto a conquistar espaços cada vez mais longínquos do globo terrestre. A ciência geográfica se faz presente e compõe um leque de várias áreas de atuação de outras ciências que a auxiliam a fazer tal análise, seja com contribuições das Geociências, seja com análises da formação do espaço, da paisagem pretérita em si no tocante das ações antrópicas. Assim, pela importância ressaltada sobre a tecnologia como meio de expressão de uma sociedade e pela escassez de dados sobre as populações pré-históricas na região, este trabalho terá importância no conhecimento da relação homem/meio no Alto Paraná Paulista. Neste aspecto este artigo tem por objetivo expor os resultados das análises sobre o material arqueológico encontrado durante as escavações, procurando identificar, através de análise tecnotipológica, quais eram as técnicas utilizadas pelos povos pré-históricos que habitaram o sítio arqueológico Lagoa São Paulo – 02, bem como compreender e identificar a que grupos pertenciam, bem como a forma pela qual eles se relacionavam com o meio natural para a construção do espaço geográfico no qual habitaram no passado.

Palavras-chaves: Pré-História Regional, Geografia da Paisagem, Arqueologia, Paleoambiente e Sítio Arqueológico.

EL HOMBRE PREHISTÓRICO INSERTO EN EL CONTEXTO DEL OESTE DE SÃO PAULO: EL CASO DEL SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGOA SÃO PAULO - 02

Resumen

Desde los más remotos tiempos de la historia humana se sabe que el hombre siempre ha tuvo la necesidad de ocupar y la construir su espacio social. Hay estudios científicos en los campos de la Geografía, Historia y Arqueología que muestran que, en muchos sentidos, el hombre siempre ha estado dispuesto a conquistar espacios cada vez más distantes en el globo terrestre. La ciencia geográfica se hace presente y compone una gama de diferentes áreas de conocimiento, de otras ciencias, que ayudan a hacer este análisis, sea a través de contribuciones desde las Geo ciencias, sea con el análisis de la formación del espacio, del paisaje pretérito en sí y en lo concerniente a las acciones humanas. Así, por la destacada importancia de la tecnología como medio de expresión de una sociedad y por la falta de datos sobre las poblaciones prehistóricas de la región, este trabajo será importante en el conocimiento de la relación hombre-medio ambiente en el Alto Paraná Paulista. En este sentido, el presente trabajo tiene como objetivo presentar los resultados del análisis sobre el materiales arqueológicos encontrados durante las excavaciones, tratando de identificar a través análisis tecno-tipológico, ¿cuáles fueron las técnicas utilizadas por los pueblos prehistóricos que habitaron la zona arqueológica Lagoa São Paulo - 02, así como entender e identificar qué grupos pertenecían, así como su forma de relacionarse con el entorno natural para la construcción del espacio geográfico en el que vivieron en el pasado.

Palabras clave: Prehistoria Regional; Geografía del Paisaje, Arqueología, Paleoambiente y Sitio arqueológico.

THE PREHISTORIC MAN ENTERED INTO AN CONTEXT OF SÃO PAULO WEST: A CASE AN ARCHEOLOGICAL SITE LAGOA SÃO PAULO - 02.

Abstract

Even from the earliest days of the history of the world it is known that man has always had the need of occupation and building of his social spaces. We also made scientific studies in some the fields of geography, history and archeology which demonstrates the man has always been increasingly willing to follow to conquer distant spaces in the globe. The geographical science is present and comprises in a range of various areas of the expertises of other sciences that help

* Texto resultado de pesquisa em nível de doutorado.

performing such analysis, either through contributions of Geosciences, or analysis of space formation, or former landscape itself in terms of human actions. Thus; the importance of technology highlights a wide expression of a society and the lack of data on prehistoric populations in this region, this study will be an important in the knowledge based of man / environment relationship in the Alto Paraná Paulista area. In this respect, the purpose of this paper is to present the results of the analysis of the archaeological material found during the excavations, trying to identify through technological analysis to consider, what techniques might be used by prehistoric peoples who inhabited the archeological site Lagoa São Paulo - 02, and to be able to understand and identify which groups to which they belonged to, as well as how they interacted to the natural environment for the construction to a geographic space in which they lived.

Key words: prehistory, geographical landscape, archeology, paleoenvironment and archeological site.

1. Introdução

Antes da presença do homem sobre o planeta, o que havia era só a natureza. A geografia física não podia existir antes do homem. Não há geografia física que não seja uma parte da geografia humana. O que há, na verdade, é uma geografia do homem, que podemos subdividir em geografia física e humana (LEAKEY, 1994).

A presença do homem na face da Terra muda o sistema do mundo. Torna-se, o homem, centro da Terra, do Universo, imprimindo-lhe uma nova realidade com sua simples presença. O homem é um dado da valorização dos elementos naturais ou físicos, porque é capaz de ação. Usa suas forças intelectuais e físicas contra um conjunto de objetos naturais que seleciona como indispensáveis para se manter enquanto grupo.

Assim, o homem é sujeito, enquanto a terra é objeto. É em torno do homem que o sistema da natureza conhece uma nova valorização e, por conseguinte, um novo significado.

Na história da evolução do homem como e quando este deixou de ser uma simples criatura para se tornar o homem que conhecemos hoje?

Segundo Leakey (1994, p. 12) essa evolução ocorreu em quatro etapas: a primeira foi a origem da família homínida propriamente dita, há cerca de 7 milhões de anos, quando espécimes semelhantes aos macacos, com um modo de locomoção bípede, ou ereta, evoluíram. A segunda etapa foi a da proliferação das espécies bípedes, um processo que os biólogos chamam de irradiação adaptativa. Entre 7 e 2 milhões de anos atrás, muitas espécies diferentes de macacos bípedes evoluíram, cada uma adaptada a circunstâncias ecológicas ligeiramente diferentes. Em meio a essa proliferação de espécies, houve uma, entre 3 e 2 milhões de anos atrás, que desenvolveu um cérebro significativamente maior. A expansão em tamanho do cérebro marca a terceira etapa e sinaliza a origem do gênero *Homo*, o ramo da árvore humana que levou ao *Homo Erectus* e, finalmente, ao *Homo Neandertalense* e depois *Sapiens*. A quarta etapa foi a origem dos humanos modernos,

completamente equipada com linguagem, consciência, imaginação artística, e inovações tecnológicas jamais vistas antes em qualquer parte da natureza.

Segundo Leakey (1994), o *Homo Erectus* foi a primeira espécie hominídea a utilizar o fogo; a primeira a incluir a caça como uma parte significativa de sua subsistência; a primeira capaz de correr como os humanos modernos o fazem; a primeira a fabricar instrumentos de pedra de acordo com um padrão definido; a primeira a estender seus domínios para além da África (também para Ásia e sudeste asiático).

Não sabemos de forma definitiva se o *Homo Erectus* possuía algum tipo de linguagem falada, mas diversas linhas de indícios sugerem isto. E não sabemos, e provavelmente não saberemos nunca, se estas espécies tinham algum grau de auto percepção, uma consciência humanoide, mas minha suposição é de que a tinham. Desnecessário dizer, linguagem e consciência, que estão entre os aspectos mais valorizados do *Homo sapiens*, não deixam traços nos registros pré-históricos (LEAKEY, 1994, p. 13).

Se há algo que podemos afirmar com certeza a respeito do estudo do homem é que esse sempre esteve em busca de conquistar novos espaços.

Isso pode ser visto em diversos estudos ao redor do mundo, pois os ancestrais do *Homo Sapiens* percorreram e se estabeleceram em diversos locais em diferentes espaços do globo terrestre. Desenvolve-se, então, a noção, segundo Fagundes e Piuzana (2010), de que os humanos percorrem o ambiente em que vivem, no qual percepções e conceitos são estabelecidos por meio dos processos cognitivos e, conseqüentemente, culturais. Assim, a paisagem passa a ser compreendida como uma construção social.

Essa busca por novos espaços ocorreu por diversas razões, sejam elas políticas, econômicas ou sociais, mas, sejam quais foram essas razões, todas convergem para um ponto em comum: a busca por novos espaços para sua sobrevivência.

Essa incessante busca nos leva a refletir sobre o que define o espaço de uma determinada espécie?

A resposta para tal indagação nos remete às reflexões de Santos (1996) sobre o tema. A partir da noção de espaço como um conjunto indissociável de sistema de objetos e sistemas de ações podemos reconhecer suas categorias analíticas internas. Entre elas, estão a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo e as formas-conteúdo (SANTOS, 1996).

Sendo assim, um elemento primordial para o estudo do espaço é do reconhecimento de que a principal forma de relação entre o homem e a natureza é dada pela técnica.

As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. (SANTOS, 1996).

Então, chegamos à conclusão de que o espaço é a interação entre o homem e o meio, aliando o reconhecimento das técnicas que fazem com que o homem produza o seu espaço, ao mesmo tempo em que interage com ele (FIG. 1).

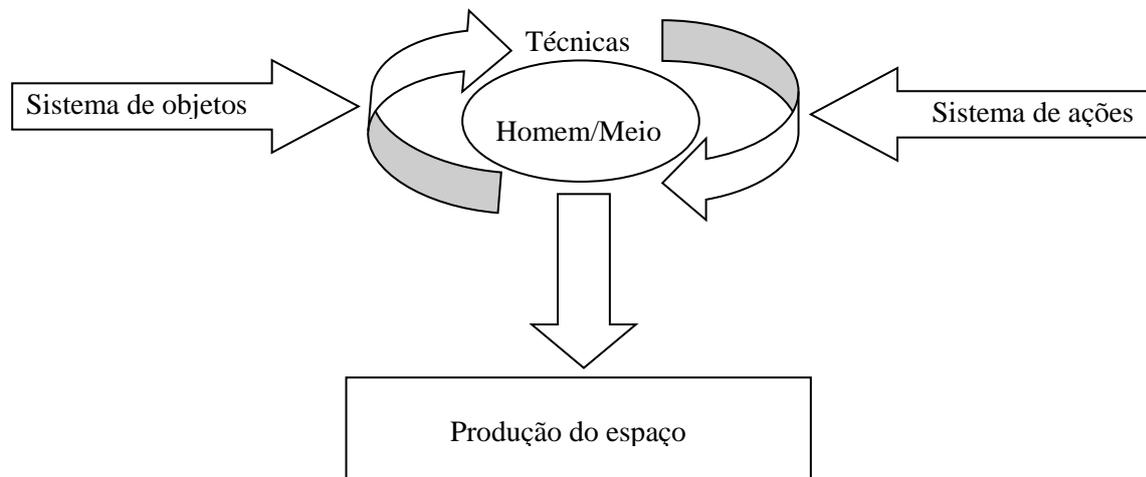


FIGURA 1. Esquema de produção do espaço. Fonte/Organização: Cabrera, J. I. A. (2014)

Essa forma de interação e produção do espaço se dá através dos objetos, sejam eles produzidos pelo homem ou não, isto é, no começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados (desde o Paleolítico), objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença dos objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico.

Segundo Santos (1996):

Os objetos não têm realidade filosófica, isto é, não nos permitem o conhecimento, se os vemos separados dos sistemas de ações. Os sistemas de ações também não se dão sem os sistemas de objetos. Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma (SANTOS, 1996, p. 39).

Sendo assim, toda a criação de objetos responde a condições sociais e técnicas presentes num dado momento histórico. Sua reprodução também obedece a condições sociais.

Os primeiros conjuntos de artefatos de pedra encontrados são avaliados em 2,5 milhões de anos de idade; eles incluem, além de lascas, implementos maiores, tais como pebble tools. Na maioria dos casos, esses itens eram também produzidos pela remoção de diversas lascas de um

seixo de lava. Mary Leakey (1951) passou muitos anos na garganta Olduvai[†] estudando essa tecnologia primitiva, que é conhecida como indústria olduvaiana (termo usado em arqueologia para se referir às primeiras indústrias líticas dos homínídeos durante o período Paleolítico Inferior, na África), por causa da garganta Olduvai, e, ao fazê-lo, estabeleceu o começo da arqueologia africana. Em consequência de seus experimentos com a fabricação de artefatos de pedra, Nicholas Toth (1984) suspeitou que os primeiros fabricantes não tivessem formas específicas de artefatos individuais em mente - um molde mental, se preferir - quando os estavam fabricando. Muito provavelmente, as várias formas eram determinadas pela forma original da matéria-prima. A indústria olduvaiana (FIG. 2) - que era a única forma de tecnologia empregada até cerca de 1,4 milhão de anos atrás - era de natureza essencialmente oportunística.



FIGURA 2. Artefatos da indústria olduvaiana. Fonte: Leakey, 1994

Para os geógrafos, os objetos são tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou. Os objetos são essa extensão, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida, em ambos os casos uma exterioridade.

Onde, talvez, a noção e a realidade do objeto melhor se aproximam da geografia é na arqueologia (SANTOS, 1996).

Para ambas, o objeto é primeiro, um dado, cujo exame permite, depois, a construção intelectual de sua realidade. O arqueólogo busca identificar uma cultura e uma época, a partir das

[†] A garganta de Olduvai constitui um dos lugares mais importantes no leste da África em relação a sítios paleontológicos e arqueológicos pré-históricos olduvaienses. Os barrancos deste *canyon* também são conhecidos como “berço da humanidade”.

Fica ao leste da planície do Serengeti no norte de Tanzânia, dentro do qual fica o Grande Vale do Rift, uma grande depressão que compreende cerca de 2900 km, onde a tectônica e a erosão descobriram uma antiguidade compreendida entre um pouco mais de 2 milhões até por volta de 15.000 anos (Pleistoceno).

amostras encontradas. O geógrafo se interessa pelo conjunto de condições características de várias épocas, mas a partir do presente, indo, frequentemente, desse para o passado.

Segundo J. P. Demoule (1994, p. 19): os "objetos, seu modo de fabricação e sua função" também são um terreno estável para o geógrafo. Mas os respectivos procedimentos apresentam diferenças.

Segundo O. Buchsenschutz (1987):

Um objeto é todo elemento sólido que foi utilizado pelo homem para se abrigar, trabalhar ou transportar algo. O objeto geográfico seria tudo isso e muito mais e onde está indicada uma utilização passada forçosamente haveria que agregar a utilização atual (BUCHSENSCHUTZ, 1987, p. 18).

Arqueólogos e geógrafos partem de objetos concretos, mas os geógrafos trabalham com os objetos do presente. É assim também com as ações. Se para os arqueólogos o objeto é o único vestígio da ação (THÉVENOT, 1994, p. 75), para o geógrafo o objeto é um testemunho atual da ação. Por isso, os respectivos padrões são dinâmicos e móveis. Nos procedimentos geográficos, vemos como as ações do presente incidem sobre objetos vindos do passado.

A partir da fase dos *chopping tools*, fabricado pelos Pithecantropinos, o homem criava objetos (de trabalho) carregados de intencionalidade. Mas essa abrigava uma instrumentalidade múltipla, uma reversibilidade nos objetivos, um certo grau de liberdade e de fantasia em seu uso. A técnica que lhes era subjacente, inventada pelo grupo, estava a serviço do grupo, para produzir o essencial à sua subsistência.

Segundo Hodder (1986), os grupos pré-históricos moldaram seus espaços através de situações que abarcam uma variedade de processos tanto relacionados à organização desse espaço, quanto à sua modificação em função de uma diversidade de propósitos que incluem: subsistência, questões de ordem econômica, social, política, cognitiva, ideológica de poder, simbólica ou religiosa.

Sob o viés que Hodder argumenta, voltemos ao que, segundo Fagundes e Piuzana (2010), seria o espaço moldado. Ele seria nada mais do que a *paisagem enquanto construção social*, que amplia sensivelmente a noção de sítio arqueológico e, nesse processo, pode ser compreendida como um dos focos de análise da Arqueologia, pois traz consigo as marcas de diferentes ocupações em longa duração e, dessa forma, a possibilidade de *leitura* de conceitos importantes à arqueologia: continuidade e mudança, simbolismo, organização tecnológica, mobilidade, obtenção de recursos, sistema de assentamento e suas interconexões.

Temos, então, a importância de diversas perspectivas no estudo da paisagem e, segundo Saldanha (2008), esta não era constituída por um mero cenário onde se desenvolviam as relações humanas, mas se dava por significados e pelas ações sociais dos indivíduos que nela habitam.

Assim, o espaço é um meio para a prática, sendo socialmente produzido. Desta forma, diferentes sociedades, grupos e indivíduos atuam em diferentes espaços (SALDANHA, 2008, p. 88).

Entende-se, então, o quanto é importante o estudo da paisagem, sobretudo em uma vertente da arqueologia denominado “Arqueologia da Paisagem” que, segundo Fagundes e Piuzana:

A Arqueologia da Paisagem, envolve no uso de ferramentas multidisciplinares, sobretudo fornecidas pela Geografia, Geociências, Ecologia, além das Ciências Exatas, da Informação e Engenharia, a fim de compreender as maneiras pelas quais os grupos pré-históricos ocuparam e modificaram a paisagem em função de suas práticas econômico-produtivas, sociais e culturais, da mesma forma entendendo como as pessoas foram influenciadas, motivadas e restringidas por ela, em um processo de compreensão das diferentes sociedades humanas em seus ambientes, que ultrapassam o *possibilismo* ou o *determinismo* ambiental, apresentando uma visão de estudos que associem natureza e cultura em suas totalidades (FAGUNDES & PIUZANA, 2010, p. 211).

2. Localização da área de estudo

O Sítio Arqueológico Lagoa São Paulo – 02 está localizado no Município de Presidente Epitácio – SP (FIG. 03), na margem esquerda do Rio Paraná, local onde em 1993 foram encontradas duas urnas de cerâmica durante a retirada de sedimentos de um barranco por uma empresa ceramista para deposição de argila. Esse achado passa, então, a ser investigado pelos pesquisadores da equipe multidisciplinar de arqueologia da FCT – UNESP, Campus de Presidente Prudente, e, através de intervenções sucessivas, o sítio foi delimitado e denominado Lagoa São Paulo – 02, devido à proximidade com outro sítio, denominado Lagoa São Paulo, esse, escavado pela equipe de arqueologia da Universidade de São Paulo (USP) em 1982, no distrito do Campinal, localizado em área relativamente próxima no município de Presidente Epitácio – SP (PALLESTRINI, 1984).



FIGURA 03: Área do Sítio Arqueológico Lagoa São Paulo – 02. Fonte: Google Maps (2014) e Organização: Cabrera, J.I.A. (2014).

Segundo Kashimoto e Martins (2005), durante a escavação do Sítio Arqueológico Lagoa São Paulo, os arqueólogos registraram que, anterior às ocupações indígenas ceramistas pré-coloniais, outros horizontes culturais existiram (nível lítico, entre 0,80 e 1,10 m de profundidade, datado em 2.500 ± 70 anos a.P). Esses testemunhos evidenciaram realidades arqueológicas que remetem a modelos culturais anteriores ao Guarani. Essas ocupações líticas referem-se aos grupos de caçadores-coletores-pescadores pré-históricos.

Em 1995, o Sítio Arqueológico Lagoa São Paulo – 02 foi devidamente registrado com GPS como ponto nº. 103, tendo por coordenadas UTM 7597939 N e 391640 E; sua cota altimétrica aproximada é de 270 m / 40 cm, estando presente na carta topográfica DSG / IBGE: SF 22-V-D-IV. Sua área foi avaliada em 600m X 200m, localizando-se em um terraço fluvial com vegetação média, próximo a tufos de mata ciliar e relevo suavemente ondulado em direção ao rio.

O município de Presidente Epitácio tem seu território praticamente todo inserido no afloramento da Formação Caiuá, que se constitui de arenitos marrom-avermelhados arroxeados, finos a médios, quartzosos, secundariamente subarcoseanos. Apresentam fração muito fina subordinada e, mais raramente, estratos de areia média a grossa. (FERNANDES; COIMBRA, 1994).

Em uma primeira intervenção (1995) e durante a primeira fase do PSAPP/SP (1998 – 2001) no Sítio Lagoa São Paulo – 02, foram resgatadas, além das urnas, peças líticas lascadas e polidas, fragmentos e vasilhas cerâmicos, material malacológico e ósseo, além de restos de fogueira, com vestígios alimentares. De posse desses materiais, foi feita uma triagem no Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia (CEMAARQ) da FCT, tendo eles sido limpos, cadastrados e devidamente embalados, para posterior análise através de uma amostragem, entre fragmentos cerâmicos e líticos, visando fazer uma comparação com o material resgatado pelos pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP).

Até o presente momento, constatou-se que o material encontrado é da cultura Tupiguarani, a 40 cm de profundidade, indicando sítios relativamente recentes de aproximadamente 1000 anos, cujos habitantes provavelmente eram lavradores seminômades, que teriam habitado o local por 4 ou 5 anos, talvez sucessivamente, construindo cabanas e formando aldeias (KÜNZLI, 1998).

Foi possível constatar a presença da tradição Guarani nessa primeira análise dos fragmentos cerâmicos, a partir da decoração corrugada que, dentre outras, marca a presença da referida cultura, bem como a utilização de urnas para sepultamentos.

No que concerne a artefatos e fragmentos líticos, encontrados de 1,20 m a 3,5 m de profundidade, é possível dizer que são de tradição Umbu, relativa a povos caçadores e coletores nômades mais antigos e que tais materiais datam de aproximadamente 7000 a.P.[‡], segundo (VILHENA-VIALOU, 1980).

Estas informações nos levam a concordar com Morais:

[...] reconhecemos a importância dos fatores naturais na ordem econômica e social dos grupos humanos, principalmente no que toca àquelas populações mais antigas. Tais fatos, dentre outros, reiteram vitalidade crucial das possíveis interfaces entre a Arqueologia, a Geografia, a Geomorfologia e a Geologia – isto é, o fator geo – na parte que lhes compete, relativamente ao levantamento dos cenários das ocupações do passado (MORAIS, 1999, p.56).

Durante o processo de escavação, foi utilizado o método conhecido por “superfícies amplas”, preconizado por André Leroi-Gouhan na França e adaptado no Brasil desde a década de 80 por Luciana Pallestrini, tendo sido desenvolvido através do “Projeto Paranapanema”, que tinha por objetivo escavar os sítios na margem paulista do Rio Paranapanema. Além disso, foi readaptado por Rosângela Cortez Thomaz, por se tratar de um Salvamento Arqueológico; o fator tempo foi um determinante nessa readaptação, bem como a situação em que os sítios se encontravam *in loco*. O método “superfícies amplas” foi aplicado também por José Antônio Perasso no Paraguai. No Brasil, a partir das propostas de Pallestrini, essa metodologia foi se estendendo por todo o país, e sua difusão constituiu uma maneira eficaz de desenvolver a arqueologia dentro de concepções atualizadas de aplicações interdisciplinares.

3. As Intervenções no Sítio Arqueológico Lagoa São Paulo – 02

[‡] A.P. – Antes do Presente é uma expressão usada para a datação de períodos arqueológicos. Convencionou-se como data inicial para o início do Presente o ano 1950. A indicação a.C. (antes de Cristo) continua também a ser utilizada.

O presente sítio foi submetido a três escavações; a primeira intervenção ocorreu em 1995, e a segunda, em 1998, no contexto do “Projeto de Salvamento Arqueológico de Porto Primavera – SP”, no que tange à cota 256. Em uma posterior visita ao Sítio, foi realizada vistoria, em 2005, verificando-se a presença de material arqueológico além da cota 259. Devido a esse achado, ele foi considerado prioritário e inserido no rol dos 8 sítios que foram escavados dentro do projeto.

Em 2010, no período de 31 de março a 04 de abril, os trabalhos de campo tiveram como objetivo realizar um reconhecimento geral do terreno, abrangendo a verificação de seus aspectos físico-ambientais e a realização de um zoneamento arqueológico. Os trabalhos envolveram:

- a) checagem dos limites da área de investigação, com balizamento da topografia através da tomada de coordenadas com uso de GPS (Global Positioning System) e Estação Total;
- b) análise dos aspectos ambientais da área, especialmente no que se refere às formas de uso e ocupação de solo (que trazem implicações diretas no estado de conservação de possíveis vestígios arqueológicos presentes na área);
- c) entrevista aplicada a alguns moradores mais antigos das proximidades sobre possíveis contatos com material arqueológico quando do trabalho com a terra;
- d) análise dos aspectos ambientais da área visando definir "zonas arqueológicas críticas", ou seja, porções de terreno que possivelmente poderiam apresentar maior potencial em reunir vestígios de ocupação humana em perigo. Esse zoneamento se baseou tanto na observação das variáveis ambientais apresentadas pelo terreno (topografia, hidrologia, características de solo, ocorrência de fontes de matéria-prima), quanto nos padrões de ocupação da paisagem;
- e) realização de uma busca extensiva e geral no terreno, através de caminhamentos e observação de estratigrafias expostas (barrancos, áreas de erosão, aterros, margens de rio, entre outros).

Em complemento ao trabalho arqueológico na área em questão, ainda nessa fase foi realizada uma avaliação dos indícios arqueológicos e históricos da região, através da tomada de depoimentos orais, análise da bibliografia, análise da paisagem natural e antropizada, com destaque para a observação e documentação do patrimônio cultural edificado.

A sequência de uma escavação (FIG. 04) segue uma cadeia operatória de procedimentos que consiste em quatro estágios (REDMAN, 1973; 1987):

- a) Primeiro Estágio: Reconhecimento da área;
- b) Segundo Estágio: Levantamentos;
- c) Terceiro Estágio: Prospecções;

d) Quarto Estágio: Escavações.



FIGURA 04: Diagrama da sequência de escavação. Fonte/Organização: Cabrera, J. I. A (2014)

4. Resumo das intervenções

Para o sítio arqueológico Lagoa São Paulo – 02 utilizou-se uma sequência operacional adequada ao contexto do sítio e da situação de resgate dada a limitação de tempo, realizada através de uma série de itens planejados e consecutivos.

Segundo os diários de campo feitos pela arqueóloga responsável Professora Doutora Rosângela Custódio Cortez Thomaz (1995/1998/2002), inicialmente foi realizado na área um trabalho de investigação, identificando a distribuição dos vestígios arqueológicos de superfície. A abertura de poços de sondagem visou obter a frequência de localização de material arqueológico ao longo de limites pré-determinados. A partir desses dados, foi demarcada a área onde se faria o mapeamento do sítio, o qual forneceu a base para os locais onde seriam plotadas as trincheiras e perfis. Foram escolhidos os pontos de maior concentração de material, onde era possível analisar a sucessão de camadas sedimentares e o número de ocupações pela visualização vertical dos vestígios e coletas de amostras sedimentares.

Em áreas específicas onde o detalhamento se fazia necessário, foi realizada a decapagem por níveis artificiais. Logo em seguida foi retirado o material sedimentar de superfície, depois foi feita a

retirada do material arqueológico e por fim, o registro sistemático e fotográfico que acompanha todo o processo.

Já nas coletas de superfície, foi encontrado farto material cerâmico e lítico lascado e polido. Nos poços de sondagem, trincheiras e no quadriculamento, foram encontrados materiais líticos lascados, polidos, cerâmicos e orgânicos.

Os materiais orgânicos referem-se, sobretudo, a restos de cozinha (mandíbulas e dentes de macaco, vértebras e espinhas de peixe), malacológicos se referem a conchas e um esqueleto aparentemente de pássaro. Ossos humanos foram encontrados dentro de urnas e vasos (FIG 05 e 06).



FIGURAS 05 e 06: Sepultamentos distintos evidenciados no Sítio arqueológico LS – 02. Fonte: IX Relatório de campo do PSAPP (2011).

O material cerâmico encontrado no Sítio Lagoa São Paulo – 02 é muito variado, desde bordas e fragmentos pequenos até urnas e fragmentos espessos, resultantes ou de urnas ou de vasos maiores. Há cerâmicas lisas e decoradas, dentre estas as plásticas como corrugadas, escovadas, em espinha de peixe e pintadas, seja externa ou internamente, seja com engobo branco ou vermelho, seja com listas vermelhas e/ou pretas, ou ambas. (FIG. 07 e 08).



FIGURAS 07 e 08: Fragmentos cerâmicos e fragmento de urna funerária. Fonte: CEMAARQ (2011).

Quanto ao material lítico foram encontrados artefatos de vários tipos, desde seixos e blocos denotando a retirada de lascas, até lascas propriamente ditas, de tamanhos e formas variadas, além de muitas estilhas (produtos do lascamento) (FIG. 09) e de material polido, como mãos de pilão e lâminas de machado (FIG. 10).



FIGURAS 09 e 10: Artefatos líticos lascados e polidos. Fonte: CEMAARQ (2011).

Todo o material coletado foi devidamente etiquetado e acondicionado, tendo sido transferido para o Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia (CEMAARQ) da FCT, UNESP, Campus de Presidente Prudente – SP. Todas as etapas do trabalho foram registradas em fotos digitais e em fitas VHS, devidamente catalogadas, que futuramente serão convertidas em DVD para o acervo áudio visual do CEMAARQ, encontrando-se disponíveis para pesquisa. Da trincheira foram tiradas fotos aos pares com máquinas digitais, para posterior reconstituição em estereoscopia e por fim, produzido material cartográfico de toda a área prospectada e escavada, bem como da área a ser prospectada.

Foi feita a limpeza, numeração e catalogação do material coletado no Sítio Arqueológico Lagoa São Paulo – 02, mediante utilização de fichas específicas, para os materiais líticos e cerâmicos, e o acondicionamento do material arqueológico coletado durante a etapa de levantamento para armazená-lo na reserva técnica. Quanto ao material coletado durante a escavação, foi feita uma avaliação tecnológica.

5. Considerações Finais

Visando a inter-relação do homem com o meio, percebe-se quão fundamental foi o paleoambiente na determinação dos hábitos e da própria sobrevivência dos povos pré-históricos,

como relatam Bissa e Mantovani (1995, p. 33) “A distribuição espacial dos sítios na paisagem (padrão de assentamento) reflete a estratégia adaptativa desses grupos [...]”.

A ciência geográfica neste aspecto nos remete a compreender o espaço no qual os povos pré-históricos habitaram, formaram suas sociedades e interagiram com o meio que os envolvia.

De grande importância para a Geografia, a Arqueologia pode auxiliar e muito na compreensão de todo um sistema e dinâmica espaço-temporal, através da reconstituição do modo vida destas sociedades e sua formação; bem como a Geografia auxilia a Arqueologia em entender o meio em que essas sociedades pretéritas viviam e interagem com o seu meio.

Afinal o que é o objetivo da Geografia, senão o estudo do espaço e suas modificações através de ações sejam elas antrópicas ou devidas a processos naturais?

Estas populações fornecem o relato das primeiras ocupações do espaço da região do Oeste Paulista. E, através da análise feita, fica registrado quais eram tais populações, seu modo de vida, sua cultura e o que eles utilizaram para manter sua sobrevivência nesta região, definindo assim os aspectos de seus traços culturais; podemos afirmar também que a construção da humanidade é, entre outras coisas, a construção de sua geografia.

A contribuição de um trabalho arqueológico corrobora e muito para a ciência geográfica, pois através da análise de populações pré-históricas conseguimos reconstituir todo um modo de vida e uma dinâmica dessas populações. Por sua vez, a análise arqueológica não pode prescindir da ciência geográfica.

No sítio arqueológico Lagoa São Paulo- 02 nos confrontamos com três populações, duas que trabalhavam a pedra, as Tradições Umbu e Humaitá compostas de populações nômades, coletoras-caçadoras, e outra que trabalhava a argila na fabricação de artefatos em cerâmica, da Tradição Tupiguarani, sedentárias e lavradoras.

Com o auxílio da caracterização descrita pelo arqueólogo André Prous (1992) podemos adquirir uma visão mais clara sobre essas Tradições.

Segundo ele, a maior parte dos sítios líticos de interior foram encontrados a céu aberto. A Tradição Humaitá é caracterizada por instrumentos morfologicamente trabalhados sobre a massa central (blocos ou seixos), sendo normalmente feitos a partir da matéria-prima mais comum na região, os seixos, conservando sua forma geral; são objetos bastante pesados e, freqüentemente, espessos. Por vezes, foram retiradas somente algumas lascas para formar o gume, sendo que boa parte da peça permanece cortical.

Quanto à Tradição Umbu, os trabalhos executados sobre a massa central é formada pelos bifaces que são objetos, total ou quase que totalmente, lascados com retoques profundos e que, portanto, não apresentam mais o córtex, ou somente algumas zonas corticais reduzidas. O

lascamento total provoca a formação de um gume periférico, e a forma geral é a de uma amêndoa. Estes artefatos são freqüentemente chamados foliáceos, com uma extremidade um pouco pontuda e outra arredondada, os lados levemente convexos. As peças mais leves podem ser utilizadas como facas ou raspadeiras, ou como pontas de lança (de flecha, para as menores).

Já na escolha da matéria-prima, dá-se uma importância relativa bem maior às rochas mais frágeis, que se prestam melhor à extração de lascas. O arenito também era usado como polidor ou alisador. Essa indústria se mantém até o período ceramista.

Já a tradição Tupiguarani, cujos membros moravam de preferência na floresta, parece ter utilizado a madeira e não a pedra, sempre que era possível; por isso a tipologia lítica é pouco diferenciada. Como os sítios são todos a céu aberto, como já dito anteriormente, os achados de ossos são raríssimos e a quase totalidade dos artefatos encontrados é de cerâmica. Este é o elemento diagnóstico da cultura Tupiguarani, caracterizada pela presença da decoração plástica corrugada e decorações policrômica com traços lineares sobre fundo engobado; a cerâmica foi basicamente utilizada para fabricar recipientes, mas também para outros tipos de artefatos.

A matéria prima para a confecção cerâmica era constituída de argila acrescida do antiplástico de areia, freqüentemente misturada com cacos moídos com dosagem diferenciada em função das diversas espessuras de parede, para evitar a quebra durante a queima; este último ingrediente é até considerado por Brochado como diagnóstico da cultura Tupiguarani e, quando ele se apresenta em grupos de origem cultural diferente, indicaria uma guaranização dos mesmos. A compactação e a dureza da pasta variam e as paredes nunca são totalmente oxidadas, o que faz com que os cacos se apresentem mais “grosseiros” do que os das tradições mais antigas, como Itararé, Taquara ou Una, aproximando-se mais da técnica Aratu.

As decorações plásticas afetam exclusivamente a face externa dos vasilhames. Existe uma variedade, com possibilidade de combinação; no entanto, poucas são as fórmulas que alcançam uma popularidade significativa, e as combinações são sempre raras.

No entanto, o corrugado e suas variações, (corrugado simples, corrugado-ungulado) constitui sempre a decoração plástica dominante na Tradição Tupiguarani. Estas decorações corrugadas costumam ser aplicadas com os polegares e com espátulas na superfície total dos potes, mesmo quando estes são de dimensões maiores, o que explica, em parte, sua alta porcentagem nas contagens de cacos.

A decoração pintada, por sua vez, aparece distribuída em certas partes dos vasos, inclusive em urnas funerárias. Os pigmentos são geralmente aplicados antes da queima. As cores são o vermelho, o preto, o branco (ou creme). O vermelho pode ser usado como engobo assim como o branco, o preto é sempre aplicado com pincel para obtenção de finos traços lineares, técnica utilizada também

com o vermelho, mas quase nunca com o branco. O vermelho pode ser aplicado com o dedo em traços largos, mas é muito mais aproveitado para colorir largas faixas que ressaltam os relevos dos vasos: reforço da borda, assim como os próprios lábios. A decoração pintada aparece na parte externa dos potes globulares e na parte interna das vasilhas abertas, engobadas, enquanto as partes externas são freqüentemente divididas em faixas decoradas e não decoradas.

Os motivos decorativos são raramente aplicados diretamente na parede (isto é particularmente típico dos traços feitos a dedo), sendo que quase sempre as linhas finas se destacam sobre um engobo, geralmente branco. Estas linhas podem se combinar com pontos de poucos milímetros de diâmetro e formam ziguezagues, círculos, cruces, gregas, volutas, sendo que raramente apresentam formas livres. Os motivos costumam ser traçados com grande firmeza, e são magníficas as peças de fundo branco sobre o qual se destacam, alternadamente, faixas horizontais vermelhas e figuras extraordinariamente delicadas pretas ou vermelho-escuro, formando uma verdadeira renda.

É possível que alguns desses recipientes tenham sido objeto de cuidados especiais e Luciana Pallestrini notou que, no sítio Alves, sua queima era superior à dos cacos simples ou com decoração plástica; suas paredes eram também mais finas, apesar de se tratar, eventualmente, de urnas grandes.

Em se tratando dos locais escolhidos por essas populações, tanto as caçadoras-coletoras, quanto as coletoras-lavradoras, sua habitação constituem a parte plana de barrancos dos rios principais, nas imediações da confluência de um curso de água menor. Na maior parte dos sítios, os vestígios são esparsos. Quando existe uma concentração, a cor do terreno é também mais escura, sugerindo ocupações mais demoradas.

Populações que traçaram seu modo de vida através do que o meio em sua volta oferecia e, quando não, migravam até outro lugar que lhes forneceria o necessário para sua sobrevivência. Deixaram sua marca através de seus artefatos talhados em pedra, ou seja, na transformação de blocos de argila em recipientes de cerâmica para sua alimentação, higiene e ritos funerais.

Transformaram o espaço enquanto nele habitaram e essas marcas estão presentes em manchas escuras encontradas no solo, que indicam restos de cabanas ou de fogueiras, além dos artefatos, sejam eles em pedra ou em cerâmica. Lançaram mão de técnicas para o talhe de seus artefatos líticos a ponto de aprimorarem essas técnicas e sabiam quais rochas seriam mais utilizáveis para a fabricação destes artefatos. Na cerâmica lançaram mão de técnicas para a confecção de vasilhames na mistura da pasta para tornarem estes utensílios mais resistentes, duráveis e decorativos, diferenciando estas decorações e buscando na floresta os materiais necessários para a elaboração de cores diferenciadas (o urucum e óxido ferroso, para o vermelho e o jenipapo e cinzas, para o preto).

Tendo como base essas informações é praticamente impossível deixar de comprovar que o homem pré-histórico era capaz de feitos extraordinários e um conhecedor primaz do meio em que habitava e com o qual interagia de maneira eficaz.

Através da análise do meio e de populações pretéritas que nele habitaram é possível reconstituir todo um sistema geográfico, seja ele natural (físico), ou social (humano) e a intersecção destes.

Enfim, as pesquisas científicas já levaram em consideração a questão dos fenômenos socioculturais ligados à percepção, à representação, à experiência vivida, ao qualitativo, ou seja, a um conjunto de valores através dos quais uma sociedade constrói simbólica e materialmente seu meio ambiente, que se ornamenta então com as formas e as cores da paisagem. A análise das construções paisagísticas é um desafio apenas lançado e que conhece múltiplas derivas na ausência de métodos suficientemente elaborados. Este é um problema tanto mais difícil porque é indispensável levar em consideração, no interior dos sistemas sociais, as atitudes individuais que representam cada vez mais determinantes na gestão do meio ambiente e na transformação dos territórios.

Referências

AB´SABER, A. N. Formações quaternárias em áreas de reverso de cuesta em São Paulo. **Geomorfologia**, 16, IG-USP, São Paulo, 1969.

BERTRAND, G. C. **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**, Editora Massoni, Maringá, PR, 2007.

BISSA, W. M; MANTOVANI, W. Recursos potenciais de grupos caçadores-coletores do médio Rio Ribeira (SP). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 117-124, São Paulo, 1995.

BOAST, K. History and Anthropology in EERKENS, J.W. & LIPO, C.P. Cultural transmission, copying errors, and the generation of variation in material culture and the archaeological record. **Journal of Anthropological Archaeology**, N° 25, 2005.

BUCHSENSCHUTZ, O. Archeologie, tipologie, technologie, techniques et cultures, 9, jan-juin, 1987 in SANTOS, M. “**A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção**”, 2ª edição, Editora HUCITEC, São Paulo, 1996.

CABRERA, J.I.A.; THOMAZ, R.C.C. **Diários de campo**. Elaborados durante as campanhas de campo entre 2009 a 2011. [S.I.:s.n.].

CABRERA, J. I. A. **Aspectos da cultura material do sítio arqueológico Lagoa São Paulo - 02**. 2003. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia) Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, São Paulo.

_____. **O sítio arqueológico Lagoa São Paulo – 02: uma análise geoarqueológica de uma ocupação pré-histórica do Oeste Paulista.** 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, São Paulo.

CASSETI, V. Elementos de geomorfologia aplicados à arqueologia. **Revista do ICHL-Universidade Federal de Goiás**, ano 1, nº1, 1981.

_____. **UHE Porto Primavera (MS/SP/PR)**, Patrimônio Arqueológico SCIENTIA Consultoria Científica S/C Ltda., São Paulo, 1993.

FAGUNDES, F.; PIUZANA, D. Estudos teóricos sobre o uso conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas. **Revista Latinoamericana de Ciências Sociais, Ninez y Juventud.** Juv 8 (1): 205-220, 2010.

FERNANDES, L. A.; COIMBRA, A. M. O Grupo Caiuá (ks): revisão estratigráfica e contexto deposicional. **Revista Brasileira de Geociências**, São Paulo, V.24, 1994.

GLADFELTER, B. G. Geoarchaeology: the geomorphologist and archaeology. **American Antiquity**, v 42, nº 4, 1977.

GOUROU, P. Pour une géographie humaine. Flammarion, Paris, 1973. in SANTOS, M. “**A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção**”, 2ª edição, Editora HUCITEC, São Paulo, 1996.

HODDER, I. **Reading the Past.** Cambridge: Cambridge Press, 1986.

INGOLD, T. **The appropriation of nature.** Manchester: Manchester University Press, 1986.

KASHIMOTO, E.M. **Variáveis ambientais e arqueologia no alto Paraná – SP.** 1997. Tese (Doutorado em Arqueologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

KASHIMOTO, E. M.; MARTINS, G. R. **Uma longa história em um grande rio: cenários arqueológicos do Alto Paraná.** Editora Oeste, Campo Grande, MS, 2005.

KNEIPP, L. M.; PALLESTRINI, L.; CUNHA, F. L. de S. **Pesquisas arqueológicas no litoral de Itaipu, Niterói – RJ.** Editora Luna, Rio de Janeiro, 1981.

KÜNZLI, R. (Org.). **Projeto de Salvamento Arqueológico de Porto Primavera-SP: relatórios de 1 a 10, apresentados à CESP, relativo às atividades prévias desenvolvidas, em função do cronograma de atividades atinente ao contrato CESP/FUNDACTE-UNESP,** Presidente Prudente, FCT/FUNDACTE-UNESP [S.l.: s.n.], 1998.

LEAKEY, R. **A Origem da Espécie Humana.** Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1994.

MORAIS, J. L. A propósito da interdisciplinaridade em arqueologia. **Revista do Museu Paulista**, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, Vol. XXXI, 1986.

_____. Arqueologia e o fator geo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, Editora MAE, nº 9, 1999.

_____. Tópicos de arqueologia da paisagem. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, Editora MAE, nº 10, 2000.

_____. Tecnotipologia lítica. Editora Habilis, Erechim, RS, 2007.

PALLESTRINI, L. Sítio arqueológico de Lagoa São Paulo: Presidente Epitácio – SP. **Revista de Pré-História**, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, Vol. VI, 1984.

PALLESTRINI, L. e MORAIS, J. L. **Arqueologia pré-histórica brasileira**. Universidade de São Paulo, Fundo de Pesquisas, São Paulo, 1982.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília: UNB, 1992.

REDMAN, Ch. L. Multistage fieldwork and analytical techniques. *American Antiquity*, 38 (1) 67-79. In: MORAIS, J. L. **Perspectivas geoambientais da arqueologia do Paranapanema paulista**. Erechim, RS: Habilis, 2011.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. Problemática arqueológica da ocupação de grupos ceramistas no vale do Paranapanema. **Revista Terra Indígena**: Assis, 2000.

ROSS, J. **Geografia do Brasil**, 4ª edição, Editora EDUSP, São Paulo, 1996.

SALDANHA, J. D. de M. Paisagem e sepultamentos nas terras altas do sul do Brasil. **Revista de Arqueologia**. Nº 21: 85-95, 2008.

SANTOS, M. **A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção**, 2ª edição, Editora HUCITEC, São Paulo, 1996.

SUAREZ, J.M. **Contribuição à geologia do extremo Oeste do Estado de São Paulo**. 1973. Tese (Doutorado em Geologia), Universidade de São Paulo, São Paulo.

TENÓRIO, M.C. **Pré-história da Terra Brasilis**. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

THÉVENOT, L. Objets em société ou suivre les choses dans tous leurs états. Pour penser les techniques. *Alliage* 20-21, pp. 74-87, 1994. in SANTOS, M. “**A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção**”, 2ª edição, Editora HUCITEC, São Paulo, 1996.

THOMAZ, R.C.C. **Arqueologia e sistema de informação geográfica: um estudo de caso na Bacia do Paraná Superior**. 2002. Tese (Doutorado em Arqueologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. **Diários de campo**. Elaborados durante as campanhas de campo entre 1995 a 2002. [S.I.:s.n.].

VIALOU, A.V. Tecnotipologia das indústrias líticas do Sítio Almeida em seu quadro natural, arqueo-etnológico e regional. **Museu Paulista/Instituto de Pré-História**, Universidade de São Paulo, 1980.

WILSON, M.C. Preliminary geoarchaeological studies in loess of the Lanzhou area. **Current Research in The Pleistocene**, nº 5, 1988.

Recebido em 26/03/2015

Aceito em 09/09/2015